

Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)

Música, Filosofia e Educação 4

 **Atena**
Editora
Ano 2019

2019 by Atena Editora
Copyright © da Atena Editora
Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação e Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os autores

Conselho Editorial

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
---	--

M987	Música, filosofia e educação 4 [recurso eletrônico] / Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Música, Filosofia e Educação; v. 4)
------	--

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-85-7247-107-7
DOI 10.22533/at.ed.077190502

1. Música – Filosofia e estética. 2. Música – Instrução e estudo.
I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza. II. Série.

CDD 780.77

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)

Música, Filosofia e Educação 4

Atena Editora
2019

APRESENTAÇÃO

A Música, a Filosofia e a Educação nos ajuda a viver melhor.

Neste pequeno texto, pretendo levá-lo a uma breve reflexão sobre o que é a **Música, a Filosofia e a Educação**, uma Arte e como se dá a relação entre elas

Não é de meu interesse aprofundar nenhum tema aqui exposto, a pretensão é apenas convidá-lo a uma leve reflexão, para que com isso, você possa pensar as palavras, sob novas perspectivas, não necessariamente as apontadas aqui, mas sim, obter um novo caminho e tentar conduzir-se nestas “novas vias”, as quais você pode, talvez, ler e deixar-se levar por esta interpretação livre. Os filósofos, a música e a Educação são os eternos amigos da humanidade, e nos ensinam a enfrentar o adverso. A **música** (do [grego](#) *μουσική τέχνη* - musiké téchne, a arte das musas) é uma forma de [arte](#) que se constitui na combinação de vários [sons](#) e [ritmos](#), seguindo uma pré-organização ao longo do [tempo](#). A “**Música**” é a arte de combinar os sons e o silêncio. Se pararmos para perceber os sons que estão a nossa volta.

É considerada por diversos [autores](#) como uma [prática cultural](#) e [humana](#). Não se conhece nenhuma civilização ou agrupamento que não possua manifestações musicais próprias. Embora nem sempre seja feita com esse objetivo, a música pode ser considerada como uma forma de [arte](#), considerada por muitos como sua principal função.

A filosofia existe para que as pessoas possam viver melhor, sofrer menos, lidar melhor com os desafios, enfrentar com serenamente o eterno vai-e-vem de “altos e baixos”, como diz um grande um filósofo da Antiguidade. A missão essencial da filosofia é tornar viável a busca da felicidade. Todos os grandes pensadores marcaram esse ponto. A filosofia e a música são irmãs siamesas é útil na vida prática, no cotidiano. Alguém definiu os filósofos como os amigos eternos da humanidade. Nas noites frias e escuras que enfrentamos no correr dos longos dias, eles podem iluminar e aquecer. A filosofia e a música apóia, consola e abraça. Um aristocrata romano chamado Boécio (480-524) era rico, influente, poderoso. Era dono de uma inteligência colossal: traduziu para o latim toda a obra de Aristóteles e Platão. Tudo ia bem. Até o dia em que foi acusado de traição pelo imperador e condenado à morte. Foi torturado. Recebeu a marca dos condenados à morte de então: a letra grega Theta queimada na carne. Boécio recorreu à filosofia, em que era mestre, para enfrentar suas adversidades em: “*A felicidade pode entrar em toda parte se suportarmos tudo sem queixas*”, escreveu ele. A filosofia consola, mostrou em situação extrema Boécio. E ensina. E inspira. Sim, os filósofos são os eternos amigos da humanidade. Agimos como formigas quase sempre, subindo e descendo sem razão o tronco das árvores, e pagamos um preço alto por isso: ansiedade, aflição, fadiga física e mental. Nossa agenda costuma estar repleta. É uma forma de fugir de nós mesmos, como escreveu sublimemente um poeta romano. O pensador francês Descartes escreveu uma frase que é como um tributo à escola de Epitecto: “É mais fácil mudar seus desejos do que mudar a ordem do

mundo”).) Não adianta se agastar contra as circunstâncias: elas não se importam. Isso se vê nas pequenas coisas da vida. Você está no meio de um congestionamento? Exasperar-se não vai dissolver os carros à sua frente. Caiu uma chuva na hora em que você ia jogar tênis com seu amigo? Amaldiçoar as nuvens não vai secar o piso. Que tal uma sessão de cinema em vez do tênis? Outro ensinamento seu crucial é que só devemos nos ocupar efetivamente daquilo que está sob nosso controle. Você cruza uma manhã com seu chefe no elevador e ele é efusivo. Você ganha o dia. Você o encontra de novo e ele é frio. Você fica arrasado. Daquela vez ele estava bem-humorado, daí o cumprimento caloroso, agora não. O estado de espírito de seu chefe não está sob seu controle. Você não deve nem se entusiasmar com tapas amáveis que ele dê em suas costas e nem se deprimir com um gesto de frieza. Você não pode entregar aos outros o comando de seu estado de espírito.

“Não é aquele que lhe diz injúrias quem ultraja você, mas sim a opinião que você tem dele”, disse Epitecto. Se você ignora quem o insulta, você lhe tira o poder de chateá-lo, seja no trânsito, na arquibancada de um estádio de futebol ou numa reunião corporativa. Não são exatamente os fatos que moldam nosso estado de espírito, pregou Epitecto, mas sim a maneira como os encaramos. Um dos desafios perenes da humanidade, e as palavras de Epitecto são uma lembrança eterna disso, é evitar que nossa opinião sobre as coisas seja tão ruim como costuma ser. A mente humana parece sempre optar pela infelicidade.

Outra lição essencial dos filósofos é não se inquietar com o futuro. O sábio vive apenas o dia de hoje. Não planeja nada. Não se atormenta com o que pode acontecer amanhã. É, numa palavra, um imprevidente. Eis um conceito comum a quase todas as escolas filosóficas: o descaso pelo dia seguinte. Mesmo em situações extremas. Um filósofo da Antiguidade, ao ver o pânico das pessoas com as quais estava num navio que chacoalhava sob uma tempestade, apontou para um porco impassível. E disse: “Não é possível que aquele animal seja mais sábio que todos nós”.

O futuro é fonte de inquietação permanente para a humanidade. Tememos perder o emprego. Tememos não ter dinheiro para pagar as contas. Tememos ficar doentes. Tememos morrer. O medo do dia de amanhã impede que se desfrute o dia de hoje. “A imprevidência é uma das maiores marcas da sabedoria”, escreveu Epicuro. Nascido em Atenas em 341 AC, Epicuro, como os filósofos cínicos, foi uma vítima da posteridade ignorante. Pregava e praticava a simplicidade, e no entanto seu nome ficou vinculado à busca frívola do prazer.

Somos tanto mais serenos quanto menos pensamos no futuro. Vivemos sob o império dos planos, quer na vida pessoal, quer na vida profissional, e isso traz muito mais desassossego que realizações. O mundo neurótico em que arrastamos nossas pernas trêmulas de receios múltiplos deriva, em grande parte, do foco obsessivo no futuro. Há um sofrimento por antecipação cuja única função é tornar a vida mais áspera do que já é. Epicuro, numa sentença frequentemente citada, disse que nunca é tarde demais e nem cedo demais para filosofar. Para refletir sobre a arte de viver bem, ele

queria dizer. Para buscar a tranqüilidade da alma, sem a qual mesmo tendo tudo nada temos a não ser medo. Também nunca é tarde demais e nem cedo demais para lutar contra a presença descomunal e apavorante do futuro em nossa vida. O homem sábio cuida do dia de hoje. E basta.

Heráclito e Demócrito foram dois grandes filósofos gregos da Antiguidade. Diante da miséria humana, Heráclito chorava. Demócrito ria. No correr dos dias nós vemos uma série infinita de absurdos e de patifarias. Alguém a quem você fez bem retribui com ódio. A inveja parece onipresente. Você tropeça e percebe a alegria maldisfarçada dos inimigos e até de amigos. (Palavras do frasista francês Rochefoucauld: sempre encontramos uma razão de alegria na desgraça de nossos amigos). A hipocrisia é dominante. As decepções se acumulam. Até seu cachorro se mostrou menos confiável do que você imaginava. Em suma, a vida como ela é. Diante de tudo isso, as alternativas estão basicamente representadas nas atitudes opostas de Heráclito e Demócrito. Você pode chorar. E dedicar o resto de seus dias a movimentos que alternam gemidos de autopiedade e consumo de antidepressivos de última geração. Ou então você pode rir. Sêneca comparou a atitude de Heráclito e Demócrito para fazer seu ponto: ria das coisas, em vez de chorar.

Mesmo o alemão Schopenhauer, o filósofo do pessimismo, reconhece sabedoria na jovialidade. No seu livro *Aforismos para a Sabedoria de Vida*, Schopenhauer, que viveu no século XIX, escreveu: *“Acima de tudo, o que nos torna mais imediatamente felizes é a jovialidade do ânimo, pois essa boa qualidade recompensa a si mesma de modo instantâneo. Nada pode substituir tão perfeitamente qualquer outro bem quanto essa qualidade, enquanto ela mesma não é substituível por nada”*.

No artigo **“COMO SE FOSSE NATUREZA”: SOBRE AS TENSÕES NECESSÁRIAS ENTRE REGRAS E PROCESSOS CRIATIVOS**, o ator Gerson Luís Trombetta examina, a partir da “Crítica da Faculdade do Juízo” de Kant, os aspectos tensos da relação entre a regra e o gênio no processo de criação artística. No artigo **“O QUE É AUDIÇÃO?”: UMA ANÁLISE À LUZ DA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL DA INDEFINIÇÃO DO CONCEITO DE AUDIÇÃO COMO PROPOSIÇÃO DE NOVOS PARADIGMAS METODOLÓGICOS**, o autor Thiago Xavier de Abreu analisar, à luz da psicologia histórico-cultural e da crítica vigotskiana aos fundamentos gerais da psicologia, a dificuldade de se definir o termo “audição”, ou melhor, o problema metodológico que resulta nesta dificuldade. No artigo **A PRÁTICA DO CANTO CORAL E SUAS APRENDIZAGENS: UM ESTUDO DESCRITIVO-INTERPRETATIVO**, os autores Hellen Cristhina Ferracioli e Leandro Augusto dos Reis buscam compreender os aspectos músico-pedagógicos que caracterizam a prática do canto coletivo como ambiente de educação musical. No artigo **A EDUCAÇÃO MUSICAL NA PEDAGOGIA HISTÓRICO-CRÍTICA: A PESQUISA EM DESENVOLVIMENTO E OS RESULTADOS PARCIAIS**, autor Thiago Xavier de Abreu busca determinar critérios filosóficos e pedagógicos para a seleção de conteúdos da educação musical e para a definição de formas de trabalho pedagógico com esses conteúdos na perspectiva da pedagogia

histórico-crítica. No artigo **A EDUCAÇÃO MUSICAL NA CONTEMPORANEIDADE: UMA REFLEXÃO SOBRE A PEDAGOGIA CRÍTICA PARA A EDUCAÇÃO MUSICAL (PCEM)**, a autora Maria Beatriz Licursi, busca realizar uma reflexão sobre a influência da educação musical no desenvolvimento cognitivo dos alunos. No artigo **A EDUCAÇÃO MUSICAL NA CONTEMPORANEIDADE: UMA REFLEXÃO SOBRE A PEDAGOGIA CRÍTICA PARA A EDUCAÇÃO MUSICAL (PCEM)**, a autora Maria Beatriz Licursi, busca realizar uma reflexão sobre a influência da educação musical no desenvolvimento cognitivo dos alunos. No artigo **A PRÁTICA PEDAGÓGICA DOS PROFESSORES DA EDUCAÇÃO INFANTIL NO MUNICÍPIO DE PALMÁS-TO: DESVELANDO CONCEPÇÕES DE AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM EM TURMAS DE PRÉ-ESCOLA**, a autora Priscila de Freitas Machado traz considerações sobre avaliação na Educação Infantil, com o enfoque nos instrumentos avaliativos utilizados por professores em turmas de pré-escola (5 e 6 anos). **A FORMAÇÃO HUMANA: UMA BREVE ANÁLISE DE PARADIGMAS FORMATIVOS NA HISTÓRIA DA HUMANIDADE E SUAS IMPLICAÇÕES AO FILOSOFAR E À EDUCAÇÃO** as autoras Letícia Maria Passos Corrêa e Neiva Afonso Oliveira dissertam sobre o papel do Ensino de Filosofia e sua conexão com os processos relativos à formação humana na direção da compreensão de que nascemos humanos, mas precisamos continuar a sê-lo. Primeiramente, é exposto um breve panorama dos principais modelos formativos que integraram a História da Humanidade, bem como a História da Filosofia. No artigo **ÁUDIO DIGITAL NO PROGRAMA DE ENSINO DA UFPB: APRIMORAMENTOS PEDAGÓGICOS ENTRE 2013.2 E 2014.1**, os autores Buscam expor os resultados do projeto, considerados positivos para o Departamento em questão, possibilitando o emprego das metodologias utilizadas neste caso em problemáticas similares. **No artigo AS CONTRIBUIÇÕES DA COGNIÇÃO MUSICAL À CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**, os autores Juliana Rocha de Faria Silva e Fernando William Cruz buscam compreender como as pessoas escutam e se elas escutam da mesma maneira; porque há certas músicas que são preferidas por muitos; se as pessoas ouvem de formas diferentes e porque há pessoas da nossa cultura que não são movidas pela música. No artigo **ÁUDIO DIGITAL NO PROGRAMA DE ENSINO DA UFPB: APRIMORAMENTOS PEDAGÓGICOS ENTRE 2013.2 E 2014.1**, André Vieira Sonoda Buscam expor os resultados do projeto, considerados positivos para o Departamento em questão, possibilitando o emprego das metodologias utilizadas neste caso em problemáticas similares. No artigo **MELOPEIA: A MÚSICA DA TRAGÉDIA GREGA**, Leonel Batista Parente busca compreender *strictu sensu* os matizes deste conceito, identificando seus elementos e sua funcionalidade na relação com a Tragédia Grega. **No artigo NARRATIVIDADE E RANDOMIZAÇÃO DA PAISAGEM SONORA EM JOGOS ELETRÔNICOS**, os autores, Fernando Emboaba de Camargo, José Eduardo Fornari Novo Junior propõem-se uma solução parcial para esse problema com base na fragmentação de longos trechos de ambiente sonoros associados à narrativa e uma posterior randomização temporal do conjunto de fragmentos sonoros. O ensino

de Música na educação de jovens e adultos, o caso de uma escola em Araguari as autoras Jennifer Gonzaga Cíntia Thais Morato. No artigo **O ENSINO-APRENDIZAGEM DE ELEMENTOS CONSTITUINTES DA MÚSICA: A VIVÊNCIA DE HISTÓRIAS COMO RECURSO**, a autora Lúcia Jacinta da Silva Backes, busca discutir ensino e aprendizagem de elementos constituintes da música, cujo objetivo é construir uma teoria vivencial da música, envolvendo uma narrativa literária, confecção de materiais e a prática/vivência dessa narrativa em forma de dramatização para aprender teoria musical. O artigo **O ENSINO DE MÚSICA A PARTIR DA TIPOLOGIA DOS CONTEÚDOS DE ANTONI ZABALA: UMA EXPERIÊNCIA EM UM CENTRO DE OBRAS SOCIAIS** Fernanda Silva da Costa No artigo **o PROJETO A ESCOLA VAI À ÓPERA: UMA EXPERIÊNCIA DE APRECIÇÃO MUSICAL NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**, as autoras Ana Claudia dos Santos da Silva Reis e Maria José Chevitarese de Souza Lima relatam a experiência musical vivenciada por alunos do CREJA - Centro Municipal de Referência de Educação de Jovens e Adultos, através da participação no projeto “A escola vai à ópera”, assistindo a obra O Limpador de Chaminés de Benjamin Britten e buscaram conhecer as impressões do grupo sobre essa experiência através de entrevistas.

Solange Aparecida de Souza Monteiro

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
“COMO SE FOSSE NATUREZA”: SOBRE AS TENSÕES NECESSÁRIAS ENTRE REGRAS E PROCESSOS CRIATIVOS	
Gerson Luís Trombetta	
DOI 10.22533/at.ed.0771905021	
CAPÍTULO 2	10
“O QUE É AUDIAÇÃO?”: UMA ANÁLISE À LUZ DA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL DA INDEFINIÇÃO DO CONCEITO DE AUDIAÇÃO COMO PROPOSIÇÃO DE NOVOS PARADIGMAS METODOLÓGICOS	
Thiago Xavier de Abreu	
DOI 10.22533/at.ed.0771905022	
CAPÍTULO 3	18
A PRÁTICA DO CANTO CORAL E SUAS APRENDIZAGENS: UM ESTUDO DESCRITIVO-INTERPRETATIVO	
Hellen Cristhina Ferracioli	
Leandro Augusto dos Reis	
DOI 10.22533/at.ed.0771905023	
CAPÍTULO 4	28
A EDUCAÇÃO MUSICAL NA PEDAGOGIA HISTÓRICO-CRÍTICA: A PESQUISA EM DESENVOLVIMENTO E OS RESULTADOS PARCIAIS	
Thiago Xavier de Abreu	
DOI 10.22533/at.ed.0771905024	
CAPÍTULO 5	36
A EDUCAÇÃO MUSICAL NA CONTEMPORANEIDADE: UMA REFLEXÃO SOBRE A PEDAGOGIA CRÍTICA PARA A EDUCAÇÃO MUSICAL (PCEM)	
Maria Beatriz Licursi	
DOI 10.22533/at.ed.0771905025	
CAPÍTULO 6	49
FORMAÇÃO HUMANA: UMA BREVE ANÁLISE DE PARADIGMAS FORMATIVOS NA HISTÓRIA DA HUMANIDADE E SUAS IMPLICAÇÕES AO FILOSOFAR E À EDUCAÇÃO	
Letícia Maria Passos Corrêa	
Neiva Afonso Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.0771905026	
CAPÍTULO 7	62
ÁUDIO DIGITAL NO PROGRAMA DE ENSINO DA UFPB: APRIMORAMENTOS PEDAGÓGICOS ENTRE 2013.2 E 2014.1	
André Vieira Sonoda	
DOI 10.22533/at.ed.0771905027	

CAPÍTULO 8	72
CONTRIBUIÇÕES DA COGNIÇÃO MUSICAL À CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO	
Juliana Rocha de Faria Silva Fernando William Cruz	
DOI 10.22533/at.ed.0771905028	
CAPÍTULO 9	86
MELOPEIA: A MÚSICA DA TRAGÉDIA GREGA	
Leonel Batista Parente	
DOI 10.22533/at.ed.0771905029	
CAPÍTULO 10	95
NARRATIVIDADE E RANDOMIZAÇÃO DA PAISAGEM SONORA EM JOGOS ELETRÔNICOS	
Fernando Emboaba de Camargo José Eduardo Fornari Novo Junior	
DOI 10.22533/at.ed.07719050210	
CAPÍTULO 11	109
O ENSINO DE MÚSICA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA): O CASO DE UMA ESCOLA ESTADUAL EM ARAGUARI - MG	
Jennifer Gonzaga Cíntia Thais Morato	
DOI 10.22533/at.ed.07719050211	
CAPÍTULO 12	120
O ENSINO-APRENDIZAGEM DE ELEMENTOS CONSTITUINTES DA MÚSICA: A VIVÊNCIA DE HISTÓRIAS COMO RECURSO	
Lúcia Jacinta da Silva Backes	
DOI 10.22533/at.ed.07719050212	
CAPÍTULO 13	129
O ENSINO DE MÚSICA A PARTIR DA TIPOLOGIA DOS CONTEÚDOS DE ANTONI ZABALA: UMA EXPERIÊNCIA EM UM CENTRO DE OBRAS SOCIAIS	
Fernanda Silva da Costa	
DOI 10.22533/at.ed.07719050213	
CAPÍTULO 14	140
PROJETO A ESCOLA VAI À ÓPERA: UMA EXPERIÊNCIA DE APRECIÇÃO MUSICAL NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS	
Ana Claudia dos Santos da Silva Reis Maria José Chevitarese de Souza Lima	
DOI 10.22533/at.ed.07719050214	
CAPÍTULO 15	148
ASPECTOS MUSICAIS PERTINENTES À PRÁTICA DE LEITURA MUSICAL À PRIMEIRA VISTA PELO PONTO DE VISTA DE ESTUDANTES DE GRADUAÇÃO EM MÚSICA	
Alexandre Fritzen da Rocha	
DOI 10.22533/at.ed.07719050215	

CAPÍTULO 16 156

REFLEXÕES SOBRE EDUCAÇÃO SEXUAL, ESTUDOS DE GÊNERO E MÚSICA

Solange Aparecida de Souza Monteiro

Karla Cristina Vicentini de Araujo

Viviane Oliveira Augusto

Gabriella Rossetti Ferreira

Paulo Rennes Marçal Ribeiro

DOI 10.22533/at.ed.07719050216

SOBRE A ORGANIZADORA..... 166

REFLEXÕES SOBRE EDUCAÇÃO SEXUAL, ESTUDOS DE GÊNERO E MÚSICA

Solange Aparecida de Souza Monteiro

Instituto Federal de Educação Ciência e
Tecnologia de São Paulo IFSP Araraquara – SP

Karla Cristina Vicentini de Araujo

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Filho UNESP
Araraquara – SP

Viviane Oliveira Augusto

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Filho UNESP
Araraquara – SP

Gabriella Rossetti Ferreira

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Filho UNESP
Araraquara – SP

Paulo Rennes Marçal Ribeiro

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Filho UNESP
Araraquara – SP

RESUMO: Os seres humanos se inserem no mundo a partir dos seus corpos sexuados e com ele se relacionam por meio de construções sociais, culturais e históricas. Esta pesquisa decorre do interesse por uma aproximação maior da teoria sobre gênero, sexualidade e educação sexual enquanto instrumentos para uma atuação favorável diante o contexto escolar, uma vez que é um desafio romper o esquema binário construído historicamente e inserido

na cultura. Logo, objetivo foi gerar nos alunos reflexões a partir de fundamentos teóricos sobre a importância de trabalhar questões referentes à sexualidade e gênero. Concluímos que é possível promover tal reflexão, comprovando a nossa hipótese de que, os educadores quando bem formados, podem abordar com os alunos a importância o tema, identificando e promovendo discussões sobre os valores, estereótipos, preconceitos, música e crenças culturalmente inseridos.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero; Sexualidade; Educação sexual; Formação.

ABSTRACT: Human beings are inserted in the world from their sexual bodies and are related to it through social, cultural and historical constructions. This research stems from the interest in a greater approximation of the theory about gender, sexuality and sex education as instruments for a favorable performance in the school context, since it is a challenge to break the binary scheme constructed historically and inserted in culture. Therefore, the objective was to generate in the students reflections based on theoretical foundations on the importance of working on issues related to sexuality and gender. We conclude that it is possible to promote such reflection, proving our hypothesis that educators, when well educated, can approach with the importance of the subject,

identifying and promoting discussions about the values, stereotypes, prejudices and beliefs culturally inserted.

KEY WORDS: Gender; Sexuality; Sexual education; Formation.

1 | INTRODUÇÃO

Os seres humanos se inserem no mundo a partir dos seus corpos sexuados e com ele se relacionam por meio de construções sociais, culturais e históricas. Sendo seres sexuados e sexuais, inserem a sexualidade em todos os processos de vida, não sendo possível qualquer ação desvinculada dessa sexualidade. Não há como dela separar o corpo, as atitudes e a afetividade. No entanto, tamanha proximidade provoca atritos, pois a cultura reprime manifestações sexuais que são contrárias às normas e padrões construídos historicamente e em conformidade com tabus e preconceitos religiosos e sociais.

Os indivíduos são sexualmente educados desde o nascimento, aprendendo quais são as atitudes e comportamentos socialmente esperados e posicionando-se diante de contínuos conflitos entre o desejo, a repressão e a culpa. A educação sexual quando saudável e libertadora é um processo constante e contínuo que objetiva desenvolver a autonomia nas questões referentes à sexualidade. Quando é patológica e castradora limita as ações, causa sofrimento psíquico e desprazer. No caso das relações de gênero, estas são marcadas por desigualdades, submissão e obediências igualmente determinadas e construídas histórica e culturalmente, constituindo relações de poder.

No cotidiano recebemos várias mensagens, através dos meios de comunicação sobre regras e valores que nos incentivam e direcionam o modo de expressar a sexualidade e compreender o ser humano, muitas vezes de forma inadequada mostrando preconceitos e tabus sobre gênero e sexualidade, outras vezes de forma educativa, promovendo reflexões. Na escola, estes processos socio-culturais se repetem a partir das atitudes e comportamentos que podem ser observados em professores e alunos, portanto a escola se torna um espaço propício ao desenvolvimento de ações educativas na esfera da sexualidade.

Michel Foucault explica que:

A sexualidade é o nome que pode ser dado a um dispositivo histórico: “não à realidade subterrânea que se apreende com dificuldade, mas à grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas estratégias de saber e de poder” (RIBEIRO, SOUZA, SOUZA, 2004. p. 112).

E Joan Scott (1995) fundamenta suas teorias nos seguintes princípios:

As relações de gênero são marcadas por desigualdades, hierarquias e obediências, sendo relações de poder. Elas possuem uma dinâmica própria, se articulando através de outras formas de dominação e desigualdades sociais, como raça, etnia, classe, etc. Sendo legitimada socialmente, se constitui em construções. Essa perspectiva permite entender as relações sociais entre homens e mulheres,

o que pressupõe modificações e conservações, desconstruções e reconstrução de elementos simbólicos, imagens, práticas, comportamentos, normas, valores e representações. O estudo da história social é reforçado pela categoria de gênero, ao mostrar que todo tipo de relação não se constitui em realidades naturais. De acordo com as necessidades concretas que o ser humano necessita, ele elabora combinações e arranjos para a sua vida. Os conflitos, negociações, tensões e alianças, estão presentes seja na luta das mulheres pela ampliação e busca do poder, ou na manutenção dos poderes masculinos

A sexualidade faz parte da vida e da condição humana. Todas as sociedades apresentam valores culturais sobre educação sexual, que são incorporados e reproduzidos em cada geração e cada contexto. É algo além do sexo, órgãos sexuais, das práticas sexuais, afetividade e do relacionamento, é um conceito amplo que extrapola a genitalidade. O que está sempre em jogo na abordagem da temática sexual é, a rigor, a negociação dessa “linha de fronteira”, o permitido e o ousado no campo da sexualidade. Nesse sentido, a música popular é um produto de entretenimento midiático que negocia e elabora os códigos morais relacionados à sexualidade, com toda sua polêmica. Casos como o da estigmatização midiática do funk carioca, que paradoxalmente colaborou para difusão do estilo de vida e da produção cultural dos funkeiros (FREIRE FILHO e HERSCHMANN, 2006, p. 147), são exemplos da carga acusatória dirigida a práticas musicais que supostamente ultrapassam as fronteiras esperadas, sobretudo se protagonizadas por grupos de menor poder aquisitivo na hierarquia social. Processo semelhante é descrito pela musicóloga Jan Fairley sobre o regueton em Cuba, que chegou a ser “oficialmente proibido”, mas que permanece como um grande sucesso midiático e cultural (2006, p.475). A tensão cultural gerada por essas músicas está relacionada ao fato de que a construção de um código moral não forma simplesmente um “conjunto prescritivo” de ações determinadas socialmente como certas e erradas. O que se entende por moral deve compreender também o comportamento real dos indivíduos em relação às regras e valores que lhe são propostos: designa-se, assim, a maneira pela qual eles se submetem mais ou menos completamente a um princípio de conduta; pela qual eles obedecem ou resistem a uma interdição ou a uma prescrição; pela qual eles respeitam ou negligenciam um conjunto de valores; o estudo desse aspecto da moral deve determinar de que maneira, e com que margens de variação ou de transgressão, os indivíduos ou os grupos se conduzem em referência a um sistema prescritivo que é explícita ou implicitamente dado em sua cultura e do qual eles têm consciência mais ou menos clara (FOUCAULT, 2001:26). A moral é, portanto, ao mesmo tempo um conjunto de normas aceitas e um campo de possibilidades de atuações realizadas a partir dessas normas. O terreno da moral é o mesmo terreno da transgressão e da resistência. Em pesquisa realizada no Orkut entre admiradores de uma determinada banda de forró eletrônico encontramos diversos depoimentos que faziam ressalvas a algumas de suas letras com alusões mais diretas a atos sexuais¹⁰. Nesses relatos, os entrevistados procuravam eleger outros elementos como significativos para sua predileção pela banda, minimizando a importância de versos e refrões mais “picantes” na elaboração do gosto pessoal, a

despeito da óbvia associação sexual não somente das letras, mas também do aspecto visual profundamente erotizado.

Sexualidade e educação sexual são temas que ainda não estão bem resolvidos e definidos nos programas desenvolvidos pelo Ministério da Educação e no cotidiano das escolas brasileiras. Quando estes programas são implantados, a prática acaba ficando distorcida, não englobando a essência e atingindo seu real objetivo. Isso ocorre por que o contexto escolar não se apresenta bem estruturado para lidar com as questões de várias origens, que surgem de acordo com o amadurecimento físico e psicológico dos educandos.

O auxílio de profissionais formados e capacitados para exercer a função de suporte pedagógico para o enfrentamento dos problemas originados no convívio cotidiano dos alunos, é importante porque surge da dificuldade apresentada ao trabalhar com temas sobre educação sexual e gênero, que por falta de aprofundamento teórico, acaba utilizando conceitos de senso comum e vivências, demonstrando uma concepção de falha no ensino.

É importante que instituições educacionais, governamentais e a própria população se conscientizem da importância da incorporação da educação sexual como um fator fundamental a ser trabalhado e desenvolvido adequadamente. Para que se possa aplicar no cotidiano escolar, sendo um fator de desenvolvimento e da organização social, pois a educação é garantia de cidadania e liberdade.

A educação sexual é um processo constante que pode ocorrer intencionalmente ou não. Ela pode ocorrer de forma inadequada, apresentando caráter autoritário, limitado, conservador, repressor, ou de forma adequada proporcionando reflexões, críticas construtivas e caráter emancipatório. Assim podemos dizer que:

Onde existe diferenciação – ou seja, identidade e diferença – aí está presente o poder. A diferenciação é o processo central pelo qual a identidade e a diferença são produzidas. Há, entretanto, uma série de outros processos que traduzem essa diferenciação ou com ela guardam uma estreita relação. São outras tantas marcas da presença do poder: incluir/excluir (“estes pertencem, aqueles não”); demarcar fronteiras (“nós e eles”); classificar (“bons e maus”; “puros e impuros”; “desenvolvidos e primitivos”; “racionais e irracionais”); normalizar (“nós somos normais; eles são normais”) (SILVA, 2000. p. 81-82).

A abordagem da educação sexual emancipatória é percebida como algo intencional para promover intervenções qualitativas no processo educacional que ocorre frequentemente nas relações sociais. É uma busca da reconstrução consciente de um saber amplo e universal sobre a liberdade sexual do ser humano.

A educação sexual é uma temática fundamental, faz parte do direito dos alunos, uma vez que pressupõe desvendar modelos e projetar novos caminhos em busca de algo melhor para a sociedade, respeitando a diversidade cultural, através de uma nova compreensão da dimensão da sexualidade sendo parte indissociável da vivência humana no processo de educação.

A educação sexual, deve ser intencional, estruturada e sistematizada, para

fornecer adequadamente informações sobre sexualidade. Sua importância é explicitada na seguinte citação:

Ao não se garantir espaços e tempos específicos para tratar sexualidade, pode se colaborar pelo fortalecimento de concepções que supõem a sexualidade como assunto secundário, que não tem o devido valor, como status inferior a outras disciplinas, reforçando o caráter marginal que historicamente tem sido atribuído à sexualidade (CARRADORE e RIBEIRO, 2006. p. 100).

A educação, antropologia, a psicologia, e seus afins, a sociologia e a história, apresentam instrumentos e capacidade de pesquisa, debate, discussões, reflexões e intervenções em processos educativos que possam contribuir para possibilitar a compressão da sexualidade, educação sexual e gênero. Algo necessário, considerando a sociedade sendo passível de mudanças, para melhorar a qualidade de vida.

A sexualidade deveria deixar de ser vista somente como um objeto de estudo das várias áreas do saber, para ser compreendida como uma questão estrutural e parte indissociável do cotidiano escolar e do contexto social em que estamos inseridos. Essa negação de que a sexualidade esteja presente na escola e faça parte do cotidiano dos professores, Foucault (1997) diz que desde a época vitoriana a sexualidade ficou limitada no interior das casas, especificamente no quarto dos pais, onde sua função era unicamente a de reprodução.

E os que não se enquadrasse a essas normas e regras eram vistos e apontados como anormais, e pagariam as sanções que o estereótipo lhe causaria. Encontramos essa prática nos tempos atuais, quando os professores repreendem seus alunos, alegando que ali não é o momento para tratar desse assunto. Além de repreender e coagir o aluno quando ele traz à tona a sexualidade, se esse aluno insistir na questão é classificado, estereotipado e muitas vezes encaminhando para outras instâncias e profissionais, pois ele foge as regras e normas instituídas.

Os educadores necessitam de auxílio para melhorar a qualidade da educação sexual no cotidiano da escola, pois a maioria das formações universitária não promovem formação específica para este foco. Como os alunos manifestam a expressão da própria sexualidade no cotidiano escolar, o que indica a necessidade de conhecimentos, habilidades e práticas, para saber lidar e aproveitar as oportunidades apresentadas e vivenciadas, com a finalidade de promover a educação sexual a partir dessas situações. Pois este tem que ser o papel do educador:

[...] consideramos que a escola deve preparar para o viver bem, faz parte do viver bem saber lidar com as múltiplas escolhas, que se nos apresentam no campo da sexualidade [...] [...] A escola deve sim, assumir a responsabilidade para contribuir para a formação de crianças e adolescentes para que estes possam ser sujeitos de sua própria sexualidade e de sua própria vida (CARRADORE e RIBEIRO, 2006, p. 95).

Para obter resultados favoráveis no processo formativo, além de conhecimentos específicos, é necessário trabalhar atitudes, sendo a principal, o reconhecimento da necessidade da inserção da educação sexual fazendo parte da tarefa da

escola, enquanto agente provedor de educação. É importante a conscientização da importância de desenvolver a inserção da temática abordada, para que se possam ser trabalhados adequadamente temas relacionados à educação sexual, sexualidade e gênero. Favorecer a reflexão sobre esta prática, estudar o assunto e discutir em grupo é necessário para que o resultado obtido seja favorável.

A educação sexual tem como intenção desenvolver a autonomia nas questões referentes à sexualidade. É necessário abrir oportunidades para que exista um processo de crescimento e desenvolvimento dos educadores, na busca de um constante aperfeiçoamento e refletindo assim para a existência de uma sociedade menos repressora e mais igualitária.

2 | OBJETIVOS E ASPECTOS METODOLÓGICOS

O principal objetivo deste trabalho foi promover nos educadores a reflexão a partir de fundamentos teóricos sobre a importância de trabalhar questões referentes à sexualidade e gênero com os educandos. Também pensamos em analisar e refletir com o grupo de sujeitos o cotidiano vivido por professores no universo escolar, identificando as questões que surgem mais comumente na escola e como eles que abordam gênero e sexualidade, levando-os a refletir sobre a importância da categoria social gênero na modelação das relações individuais e dos comportamentos, nos variados contextos de vida.

O trabalho com os professores possibilitou proporcionar uma discussão sobre o caráter persuasivo dos estereótipos de sexualidade e gênero nas percepções que os indivíduos fazem de si próprios; analisar situações vivenciadas no cotidiano escolar, nas quais as desigualdades de gênero são visíveis; identificar, comportamentos e atitudes pedagógicas passíveis de contribuir para uma educação que perpetue, implícita ou explicitamente, as visões tradicionais sobre as características e as competências típicas de cada um dos sexos, habitualmente conducentes a situações de discriminação.

Esperamos que os educadores sejam capazes de refletir criticamente sobre a importância da educação sexual e a expressão da sexualidade do ser humano; que possam identificar alguns aspectos dos estereótipos de gênero que traduzem a atuação do homem e das mulheres na vida cotidiana; e que, enquanto profissionais, sejam capazes de questionar práticas e crenças estabelecidas em diferentes contextos formais, e não formais de aprendizagem e de interação social. Assim, tendo em vista a promoção de uma melhoria na qualidade do ensino e a inserção da educação sexual e a liberdade de expressão da sexualidade, estaremos ajudando a construir uma sociedade mais permeável a estereótipos.

A opção em trabalhar com professores, a questão da educação sexual e gênero deriva da dificuldade que estes apresentam ao trabalhar com tais temas, que por falta de aprofundamento teórico, acabam utilizando conceitos de senso comum, que

demonstra uma concepção de inferioridade intelectual, física, social e cultural das diversas expressões da sexualidade e de gênero.

Os sujeitos participantes desta pesquisa são 12 professores do Ciclo II e Ensino Médio da rede pública de ensino de uma cidade do interior do estado de São Paulo.

Como instrumento, foi utilizado no processo de investigação, anotações e informações obtidas nos encontros de forma que com o uso destes dados obtidos não se perca nenhum fator importante que faça parte da investigação e facilite a análise dos dados coletados.

Para fornecer as informações necessárias, levando às reflexões das temáticas trabalhadas, foi utilizado para a apresentação, um data show e um computador para projeção de duas imagens trabalhadas. A primeira é um menino frente ao espelho, calçando um sapato feminino de salto alto, vendo seu reflexo no espelho com envoltório rosa no seu corpo, com a frase: “Construindo Identidades”.

A segunda figura apresenta a frase: “Respeito, uma vida sem violência é direito de todos”, com os símbolos de três formas de relacionamento: homossexual (duas pessoas juntas, do sexo masculino e duas pessoas juntas do sexo feminino), e um casal heterossexual (homem e mulher). E cópia impressa do texto: “Gênero: Uma Categoria Útil para Análise Histórica” da Joan Scott.

Como estratégia de análise, observamos a narrativa dos educadores, ao visualizarem as figuras exibidas e ao contarem sobre suas vivências relacionadas ao tema trabalhado, pois através da narrativa e do processo de escutar e contar história, os indivíduos constroem os sentidos tanto de si como de suas vivências. Pois nossas falas representam as práticas sócias e rede de discurso que estamos inseridos.

Vale ressaltar que o projeto foi executado em dois encontros com intervalo de sete dias entre ambos.

3 | RESULTADOS

No primeiro encontro foi realizada a apresentação do projeto para os educadores e introduzido os temas que seriam trabalhados com eles. Na seqüência foram projetadas imagens referentes a gênero e sexualidade para promover uma discussão e reflexão sobre a temática, ligando as experiências vivenciadas no cotidiano escolar dos professores. Ao término deste encontro foi entregue aos professores o texto: “Gênero: Uma Categoria Útil para Análise Histórica” da Joan Scott, para que fosse realizada a leitura prévia deste, para o próximo encontro.

No segundo encontro, através da leitura prévia realizada pelos professores sobre o texto e as reflexões e discussões que foi despertado através do texto, foram trabalhadas questões trazidas pelos professores, para facilitar o entendimento e a reflexão sobre o conceito principal que o texto aborda, entregamos a eles um resumo impresso com as principais idéias de Joan Scott, facilitando para englobar junto às

imagens apresentadas no primeiro encontro e as práticas cotidianas vivenciadas.

Como resultado foi obtido no primeiro encontro com os professores durante a projeção das imagens referentes a gênero e sexualidade, eles permaneceram calados, apenas atentos ao que estava sendo exposto, posteriormente no momento de discussão e reflexão das imagens, onde cada um expressou seus próprios conceitos sobre as imagens, houve discussão onde cada um argumentou vários pontos de vistas, sendo que predominou conceitos estereotipados e carregados de preconceito.

Falas do professores ao visualizar as imagens:

“Que horror”; “Credo”; “Isso não pode”; “Nossa que difícil trabalhar com uma coisa dessa!”; “Se eu visse não saberia o que fazer”; “Complicado, hein”, “Nossa o menino ta num mundo rosa”; “É mais tem que ser liberal”; “É difícil, mas acho que isso ta certo”; “Precisamos respeitar né”; “Ele não tem culpa de ser assim”; “Coitado do pai”; “Que mundo nós estamos”,...

No segundo encontro, após a leitura prévia realizada por alguns educadores, como foi orientado no encontro anterior. Para facilitar o entendimento e a reflexão sobre o conceito principal que o texto aborda, entregamos a eles um resumo impresso com as principais idéias de Joan Scott. Com isso os colocamos em contato com teorias, promovendo a reflexão do conceito de gênero, para que facilite a compreensão das temáticas de sexualidade, gênero e educação sexual, para serem trabalhadas no cotidiano destes profissionais. Encerramos o encontro gerando uma reflexão sobre as imagens, a vivência no cotidiano escolar e com embasamento teórico da leitura do texto realizado, que foram apresentados no primeiro encontro.

Por meio da análise dos resultados apresentados anteriormente, mediante a análise das falas dos educadores e de acordo com a apresentação das figuras utilizadas, podemos perceber que a hipótese apresentada foi comprovada, porém notamos que na postura deles diante a presença de atividades de reflexão a princípio foram carregadas de preconceitos e estereótipos, porém conseguimos promover a reflexão sobre várias questões referentes à sexualidade vivenciadas no cotidiano deles e da escola.

Percebemos que na representação das imagens para os educadores, a princípio se mantiveram neutros, porém sequencialmente se manifestaram trazendo em suas falas valores e conceitos inseridos culturalmente. Posteriormente ao se depararem com a segunda imagem, percebemos que conseguimos promover a reflexão sobre estes valores e conceitos que estavam inseridos. Assim podendo proporcionar uma reflexão através da fala de suas próprias experiências e ouvindo a dos colegas, conseguindo perceber novas possibilidades de reações, intervenções e orientações mais apropriadas, com uma nova visão diante estes conceitos estereotipados.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na prática cotidiana da educação sexual ocorre de uma forma muito escassa, deixando de trabalhar conceitos importantes para serem acrescentados no cotidiano escolar. E isto ocorre pela falta de formação e de habilidades que os professores possuem, portanto apresentam dificuldade em trabalhar questões referentes à sexualidade.

Através dos encontros conseguimos promover reflexões sobre a importância de trabalhar sexualidade sendo um instrumento para auxílio do trabalho com os alunos no cotidiano escolar.

Concluimos que este estudo pretendeu verificar se era possível promover a reflexão sobre educação sexual e gênero no trabalho de educadores do ciclo II e ensino médio, a partir da análise de suas falas, em encontros promovidos para favorecer a reflexão e construção de novos conceitos sobre sexualidade, educação sexual e gênero.

Comprovamos a hipótese de que educadores seriam capazes de refletir criticamente sobre a importância da educação sexual e a expressão da sexualidade do ser humano, identificando aspectos apresentados nos encontros como destaque, os valores, estereótipos, preconceitos e crenças culturalmente inseridas nas vidas destes profissionais.

A escolha da temática apresentada neste trabalho decorre do interesse por uma aproximação maior da teoria sobre gênero, sexualidade e educação sexual enquanto instrumentos de trabalho para uma atuação favorável diante o contexto escolar, pois o desafio de romper o esquema binário, em que se encontra o masculino e o feminino construídos historicamente e inserido culturalmente, se opondo um ao outro, tem sido desafiante no que se propõe a desmontar um esquema numa lógica patriarcal que dificulta a percepção e construção de mundo de outras formas, diante a educação sexual.

Os estudos de autores que abordam a temática relacionada a gênero e educação sexual se apropriam de teorizações relacionadas à desconstrução, para o qual o as idéias e princípios expressados pela hierarquização de pares opostos, são pensados através das relações de gênero, inseridas como objeto de estudo no contexto educacional. A proposta é a de desmontar a visão tradicional de trabalho com educação sexual, evidenciando que estas são construídas historicamente, propondo a mudança e promovendo reflexões para que existam novas visibilidades e formas de lidar com o ser humano através da educação sexual.

A desconstrução da polaridade tradicional masculino e feminino é importante para desmontar a lógica binária que rege outros pares de conceitos a ela articulados. A classe, etnia, religião, idade, etc., são elementos que atravessam unidades, transformando em múltiplo o sujeito masculino ou feminino eu é visto singularmente.

Espera-se que essa pesquisa tenha contribuído de forma parcimoniosa para a

compreensão do funcionamento da dinâmica da transmissão do saber, e das formas de atuação diante situações cotidianas e vivências no contexto escolar.

Por fim, acreditamos ser relevante o desenvolvimento de pesquisas futuras que possam superar as limitações desta e aprofundar a compreensão da temática abordada referente à educação sexual e na influência da sociedade repressora que vivemos atualmente, e que acreditamos que possa ser passível a mudanças, transformando conceitos e valores inseridos culturalmente de forma negativa, assim como preconceitos e estereótipos de forma que isso melhore a qualidade de vida de todos. Verificando que a importância de se atentar no processo de desconstrução, da visão de gênero e educação sexual, construída e inserida culturalmente, para o fato de que o oposto da igualdade é a desigualdade, ao invés da diferença.

REFERÊNCIAS

FOUCAULT, M. **História da sexualidade**. I - A vontade de saber. 4ª ed., Rio de Janeiro: Graal, 1997.

RIBEIRO, P. R. C.; SOUZA, N. G. S.; SOUZA, D. O. Sexualidade na sala de aula: pedagogias escolares de professoras das séries iniciais do Ensino Fundamental. In: **Estudos Feministas**, Florianópolis, v.12, n.1, 2004, p. 109-129.

CARRADORE, V. M.; RIBEIRO, P. R. M. aids, Sexualidade e prevenção no espaço escolar: algumas reflexões. In: RIBEIRO, P. R. M.; FIGUEIRÓ, M. N. D. (Org.). **Sexualidade, cultura e educação sexual**: propostas para reflexão. São Paulo: Cultura Acadêmica/ Araraquara: Laboratório Editorial FCL, 2006, p. 89-110.

FOUCAULT, Michel. A história da sexualidade, v. 2: o uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Graal, 2001.

FREIRE FILHO, João e HERSCHMANN, Micael. “As culturas jovens como objeto de fascínio e repúdio da mídia” In: Comunicação, consumo e espaço urbano: novas sensibilidades nas culturas jovens. Everaldo Rocha, Maria Isabel M. Almeida e Fernanda Eugenio (orgs.). Rio de Janeiro: Puc-Rio; Mauad, 2006.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil para a análise histórica. In: **Educação e Realidade**. Porto Alegre, v. 20, n.2, 1995. p. 71-99.

SILVA, T. T. A produção social da identidade e da diferença. In SILVA, T. T. (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 73-102.

SOBRE A ORGANIZADORA

SOLANGE APARECIDA DE SOUZA MONTEIRO Mestra em Processos de Ensino, Gestão e Inovação pela Universidade de Araraquara - UNIARA (2018). Possui graduação em Pedagogia pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupunga (1989). Possui Especialização em Metodologia do Ensino pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupunga (1992). Trabalha como pedagoga do Instituto Federal de São Paulo campus São Carlos (IFSP/ Câmpus Araraquara-SP). Participa dos núcleos: -Núcleo de Gêneros e Sexualidade do IFSP (NUGS); -Núcleo de Apoio às Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas (NAPNE). Desenvolve sua pesquisa acadêmica na área de Educação, Sexualidade e em História e Cultura Africana, Afro-brasileira e Indígena e/ou Relações Étnico-raci

Endereço para acessar este CV: <http://lattes.cnpq.br/5670805010201977>

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-107-7

